

Povo Manchineri: redes migratórias, fronteiras e relações afetivas

*Manchineri
Seringal Guarani*

RESUMO: Este trabalho trata das redes migratórias do Povo Manchineri. Nós entendemos redes migratórias como complexos laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco e amizade. Essas redes são agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Para isso, propomos analisar o sentido da fronteira no cotidiano desse povo, tanto internamente, em relação aos limites da Terra Indígena, quanto na relação com o limite internacional.

Palavras-chaves: Manchineri, regiões fronteiriças, relações afetivas.

Introdução

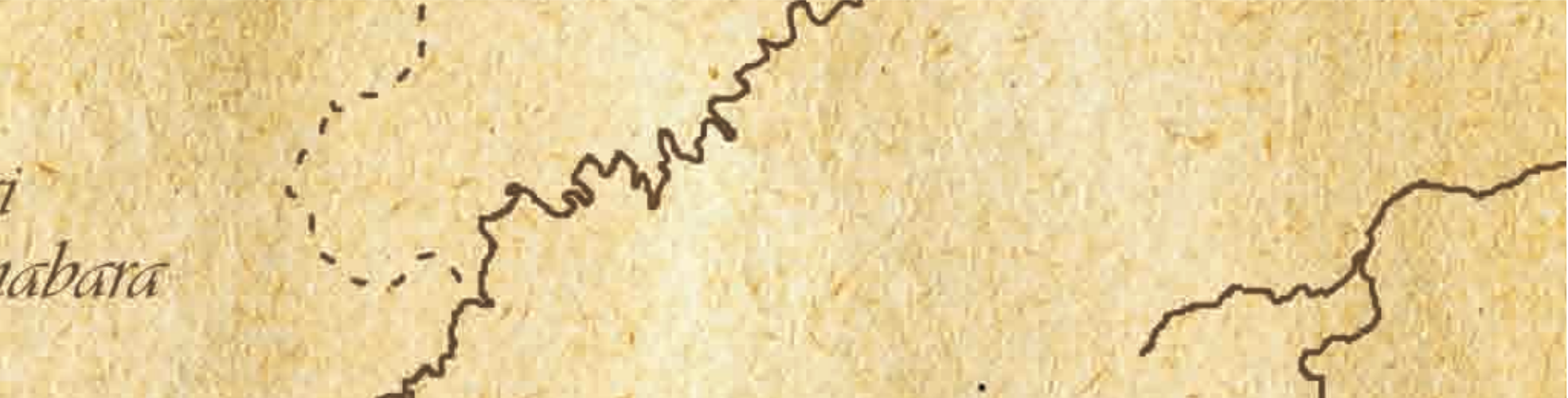
Este texto tem como objetivo discutir as redes migratórias estabelecidas entre o Povo Manchineri, da Terra Indígena localizada no Estado do Acre, com o Peru e a Bolívia. Entendendo redes migratórias como complexos laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco e amizade. Essas redes são agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Para isso, propomos analisar o sentido da fronteira no cotidiano desse povo, tanto internamente, em relação aos limites da Terra Indígena, quanto na relação com o limite internacional.

Os estudos sobre migrações em região fronteiriça adquirem crescente importância na atualidade, principalmente em regiões que passam por processos de integração transfronteiriça, como é o caso da região de Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia) - MAP.

A fronteira, como sabemos, é o traço definidor de poderes territorialmente instituídos, ou seja, das divisões político-administrativas entre Estados, mas também é uma zona de interação, pois relações com os povos vizinhos são parte constitutiva da vida regional.

Daí a importância da compreensão da constituição do território e de suas fronteiras que é produzida em um e outro lado dos limites. Neste trabalho concebemos território para além da dimensão jurídico-administrativa, de corpo do estado-nação, de áreas geográficas delimitadas, reconhecidas e controladas pelo Estado nacional.

*Cabeceira do
Rio Acre*



A região fronteira é formada pelas práticas ligadas à existência da fronteira e, nesse caso, a fronteira aparece como precursora de integração. Em lugar de zonas de separação, as regiões fronteiriças são pontos de convergência e, nesse sentido, o contínuo geográfico é tomado como uma oportunidade para incrementar fluxos comerciais e de serviços. No caso em tela, da fronteira tri-nacional na Amazônia Sul-Occidental, formada pelo Estado do Acre, Departamento de Pando e Departamento de Madre de Dios, as iniciativas dos três governos e também de agentes da sociedade civil internacional (MAP, IIRSA) têm caminhado em direção à formação de uma região fronteira.

O morador da fronteira ou o migrante fronteiro é aquele que melhor vivencia a ambiguidade das lógicas territoriais, pois ao mesmo tempo em que se depara com o controle rígido das barreiras dos limites internacionais, convive com múltiplas redes de trocas comerciais, culturais e até mesmo políticas, de caráter transfronteiro.

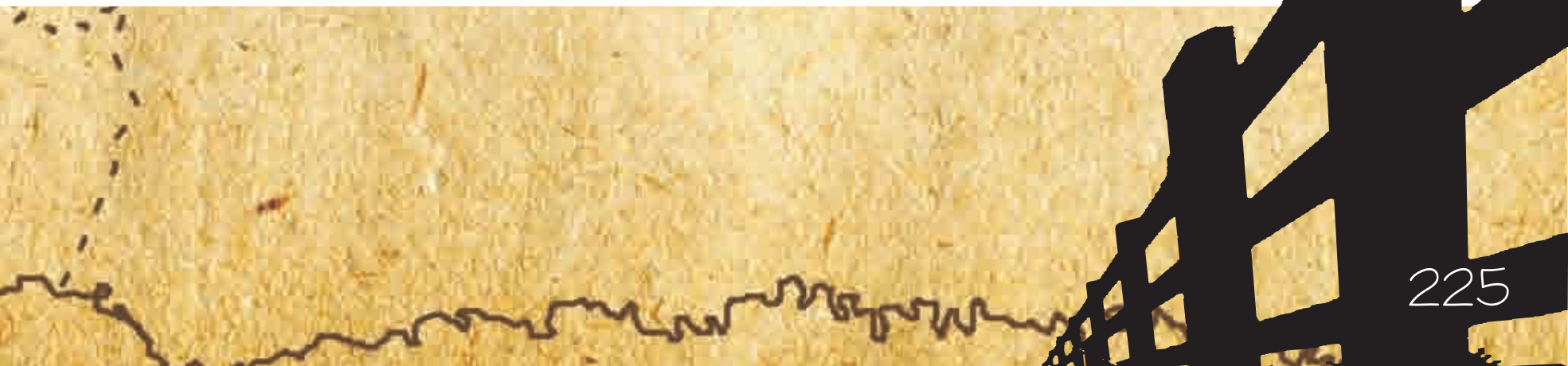
Entendemos que a migração é um "fato social completo" e uma condição social: a condição de ser e/imigrante. Assim, há o 'emigrante', aquele que saiu de sua própria sociedade, e há o 'imigrante', aquele que chegou a uma terra de estranhos: o paradoxo é que ambos são a mesma e única pessoa. O migrante carrega, então, uma dupla condição: a de ser ao mesmo tempo e/imigrante. Mas como não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, sua existência individual e social é ambigualmente vivida para o grupo de onde parte e para o grupo

aonde ele chega (Sayad, 1998: 243).

A migração indígena é de dois tipos: as locais, quando o indivíduo se desloca a espaços geograficamente contíguos, que podem lhe ser familiares ou não; e as circulares, quando o indivíduo se desloca para lugares por um determinado intervalo de tempo e depois retorna à sua origem (Truzzi, 2008).

Esta proposta de pesquisa relaciona a questão da criação e definição de territórios indígenas e a própria dinâmica econômica regional, para entender as redes migratórias do povo Manchineri.

Ao serem delimitadas as Terras Indígenas, estas, na maioria dos casos, são muito menores do que o território de fato considerado pelos índios como seu. Pergunta-se: Qual o sentido da fronteira? No caso dos Manchineri, duas fronteiras: a interna, que delimita a Terra Indígena no Acre, e a externa, que delimita a fronteira internacional com o Peru e a Bolívia. Qual o sentido de fronteira para povos indígenas? O que ela marca ou delimita?



Povo Manchineri e redes migratórias

*Manchineri
Seringal Guarani*

Na perspectiva de entender as redes migratórias do povo Manchineri é necessário uma breve descrição da história de contatos e da dinâmica econômica regional na qual estão inseridos.

A história de contato dos índios do Acre com os não índios é narrada em diferentes “tempos históricos”, conforme proposição do antropólogo Txai Terri Valle de Aquino. O tempo mais remoto é denominado como “de antigamente”, antes da chegada dos nordestinos. Com o início do extrativismo das heveas se instala o “tempo das correrias”. Concomitante a esse se inicia o “tempo do cativo”, o tempo no qual os índios trabalharam nos seringais como seringueiros, agricultores, mateiros.

Já o “tempo dos direitos” está relacionado à “descoberta” dos direitos indígenas, propiciada pelo CIMI e pela conquista territorial, a partir da atuação da FUNAI no Acre. O “tempo da revitalização cultural”, concomitante ao “tempo dos direitos”, são os anos recentes, do “resgate” das tradições e da implantação de uma “educação diferenciada” que fomenta a discussão cultural. A estrutura deste texto será a partir dessa matriz metodológica da história do contato.

Tempo de antigamente

Os povos indígenas do atual estado do Acre, antes da chegada dos migrantes nordestinos, responsáveis pelo corte do látex e pela “conquista do Acre”, viviam nas bacias hidrográficas dos altos rios Purus e Juruá. Eram mais de 50 etnias e estavam territorializados ao longo dos rios. No Purus predominavam os grupos linguísticos Arawá e Aruak e, no Vale do Juruá, o grupo Pano (Neves, 2004: In: Morais, 2008).

O Povo Manchineri é citado em vários relatórios da segunda metade do século XIX, em textos do geógrafo inglês W. Chandless, do caboclo Manuel Urbano da Encarnação e do seringalista Antonio Labre.

Segundo relatório do século XIX, de Manuel Urbano da Encarnação, no início da colonização da Amazônia havia 18 tribos, entre as quais estavam os Maneteneri, nas redondezas do Juruá. Eram tribos mais ou menos conhecidas e, nos afluentes do Purus, havia muitas outras. Os que apareciam podiam-se calcular em 5.000 pessoas. As tribos até então conhecidas eram: Mura, Pamari, Catauxi, Caripuna, Cipó, Mamuri, Uapuça, Catuquina, Crupali, Tará, Paru, Ipuriná, Pamaná, Quaruná, Juberi, Jamamadi, Canamari e Maneteneri, que são os atuais Manchineri (Brasil, 2009).

*Cabeceira do
Rio Acre*



A ligação dos Manchineri com outros povos é a apontada nessas obras. De acordo com Coutinho (1862), é relatada a ligação dos mesmos com povos do Rio Beni. É dito que, no passado, os Manchineri foram guias para as grandes expedições do vale do Purus e do Juruá. Questão essa comprovada pelos antigos varadouros que seriam extremamente importantes para o estabelecimento de rotas comerciais fixas entre o sul do Acre e o norte da Bolívia, já durante o período de abertura dos seringais em fins do século XIX (Brasil, 2009). Isso é corroborado por algumas lideranças indígenas, como podemos ler nesta fala de José Severino:

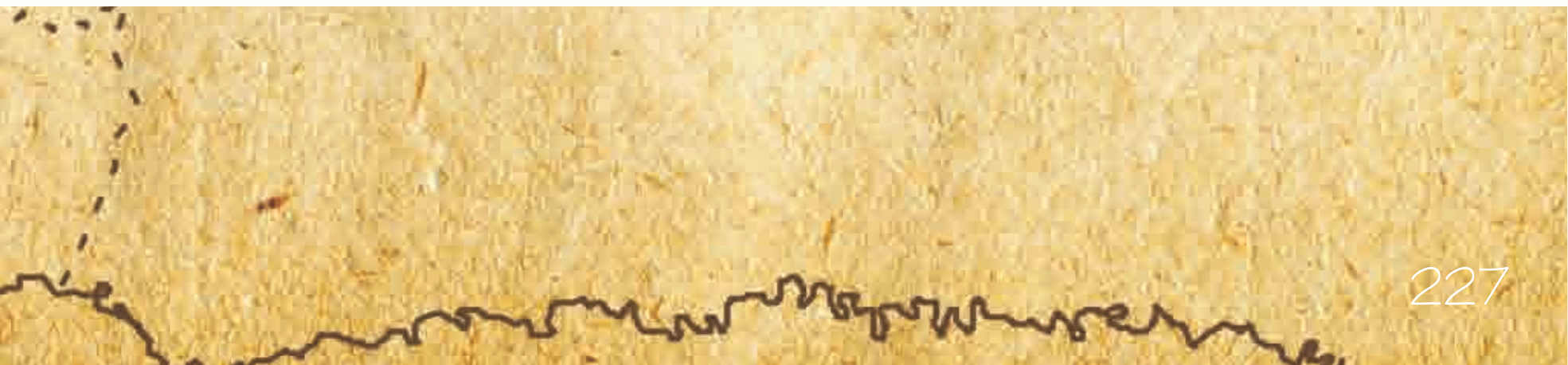
Antigamente o Povo Manchineri percorria de cabeceira em cabeceira dos rios como o Tawahano, o Pedra e o Ucayali, e isso fica no Peru. Mas o Povo Manchineri toda vida morou aqui mesmo no Rio Iaco, até o "branco" chegar. A gente tinha uma grande maloca bem em frente ao Seringal Boa Esperança, até a boca do (Rio) Abismo, que também era habitado pelos Manchineri. Nessas malocas eram feitas as festas da moça que era comemorado quando a moça fazia de 12 a 15 anos. Elas se pintavam com urucum e jenipapo e se vestiam com cusma, que é a roupa dos Manchineri de antigamente. Também tomávamos caiçuma de macaxeira e de milho. E junto com os Manchineri viviam outros povos, os Katiana e os Jiwutane. Hoje me lembro que vive um Katiana no Seringal Icuriã e o outro povo não existe mais, porque, quando o boliviano caucheiro fez a correria com os Manchineri, os Jiwutana morreram ou ganharam mata e não aparecem mais (José Severino da Silva em 03/03/2010. Entrevista realizada por Alessandra Manchinery).

Os Canamari e os Maneteneri que povoam o vale do Purus e habitam suas cabeceiras muito se assemelham aos Canibos. Tais tribos do Purus e Juruá avizinham-se na parte superior, e, assim, os índios passam de um para outro lado, isso porque escasseiam os meios de subsistência, ou pela perseguição de inimigos. (Brasil, 2009).

Tempo das correrias e do cativoiro

Os Manchineri foram, no final do século XIX, atingidos por duas frentes extrativas. Do lado peruano vinha a frente de extração da Castilloa elastica, do caucho e, do lado brasileiro, a frente de extração da hevea brasiliensis, da seringa. Desse contato resultou, além da redução demográfica, a migração forçada, a desorganização sociocultural e a expropriação territorial (Piccoli, 2006). No "tempo do cativoiro" os Manchineri trabalhavam no Seringal Petrópolis e, além de cortar seringa, também trabalhavam na fazenda 'batendo campo' como ressalta o sertanista Meireles (Aquino & Iglesias, 2008).

"Os índios trabalhavam como peões, derrubando as matas para fazer novos campos. Alguns deles trabalhavam também como caçadores e todo tipo de serviços braçais, mas o maior contingente indígena era usado para a manutenção e abertura de novas pastagens".



Desde a identificação dessa população como indígena, em meados da década de 1970, só em 1985 a Terra Indígena Mamoadate foi demarcada, após mais de uma década de reivindicação política pelo reconhecimento de seu vínculo territorial. Essa história é contada pelos próprios índios da seguinte forma:

Em nosso passado fomos o povo mais guerreiro e caçador de nossa região. Somos conhecidos por nossas enormes canoas que são longas e estreitas, feitas de cedro por homens mais velhos e experientes. Segundo estimativas, em nosso passado fomos mais ou menos 2.000 pessoas, ocupando desde o alto Iaco, a partir do igarapé Abismo, até o seringal Nova Olinda e seringal Petrópolis, chegando até mesmo a Sena Madureira e Assis Brasil. Os Manchineri compartilham com os Piro, no Peru, boa parte de seu sistema sociocosmológico e são do mesmo tronco linguístico, o Aruak (do ramo Maipure), podendo ser considerados grupos que fazem ou já fizeram parte de um mesmo povo. Em território brasileiro, a maioria dos Manchineri habita na Terra Indígena Mamoadate, havendo ainda muitas famílias vivendo em seringais no Acre, sobretudo no interior da Reserva Extrativista Chico Mendes e no Seringal Guanabara, hoje em processo de demarcação. Encontram-se em menor número nesta área, no São Francisco e no Macauã, bem como na cidade de Assis Brasil.

Nós Manchineri, antes do contato e da exploração das frentes extrativistas e dos caucheiros peruanos, éramos vários grupos divididos e formávamos os Yineri (gente) e Yine (nós), morando todos próximos e casando-se entre si. Só os antigos Piros que não viviam como um único povo, mas eram divididos em muitos grupos, ou seja, o Neru. Cada grupo tinha um nome, como os Manxineru (povo da árvore Tamamuri, mãe Lua ou mãe caçuma), Koshichineru (povo pássaro pequeno), Nachineru (povo faminto), Getuneru (povo sapo) e Gimnuneru (povo cobra). Viajávamos acima e abaixo para confeccionarmos nossas vestimentas e outros acessórios, além de praticar um pouco da comercialização com outros povos. O que nunca vendíamos e nem trocávamos era nosso poncho (roupa longa que cobre pernas e braços e é feito da colheita do algodão usada pelos antigos Manchineri).

Nós Manchineri passamos a sofrer com as correrias por causa das duas frentes de pressão: do Peru para o Brasil, por caucheiros, e do Amazonas para a Bolívia, por extratores de borracha que se fixaram com suas famílias na região. No primeiro momento não fomos incorporados como mão-de-obra extrativista. Só a partir da queda da borracha é que fomos obrigados a cortar caucho e seringa e até a trabalhar para os patrões em suas casas. Assim homens e mulheres e até crianças, começaram a servir como mão-de-obra barata, fazendo serviços para o enriquecimento dos patrões.

Uma das estratégias para tentar controlar o Povo Manchineri foi a destruição de nosso modo de vida, nossos costumes, nossas línguas, tradições e crenças, que ainda hoje são preservados. Um dos principais aspectos que levaram o povo Manchineri a servir de mão-de-obra barata foram os grandes conflitos grupais e intergrupais de Manchineri e outros povos do tronco linguístico aruak, pano e arauá. Tal conflito gerou a extinção de alguns povos, que viviam no mesmo território que os Manchineri e eram menores em número, como os catianas.

Após a exploração gumífera, que causou grande perda territorial, cultural e um processo de dispersão de nosso povo, buscamos resgatar tudo aquilo que foi destruído. Para levar todo nosso conhecimento tradicional, cultural, social e econômico adiante, sem interferência e destruição em nosso meio; mantendo nossos aspectos cosmológicos e toda nossa ancestralidade que preservamos até a atualidade, levando em consideração e valorizando todo o conhecimento de nossos antigos caciques e pajés. (Entrevista com Chola Manchineri e Toya Manchineri em 4 de maio de 2010).

Na primeira fase da colonização, de meados do século XIX até a primeira década do século XX, vários grupos Manchineri foram cercados, submetidos ao trabalho forçado e escravizados. Os grupos Manchineri foram obrigados a trabalhar para os patrões seringalistas. Isso se deu pela expansão da exploração da seringa e do caucho. Trabalharam como empreiteiros, guias, caçadores, remadores e até seringueiros. As mulheres, por sua vez, trabalhavam nas casas dos “barões” nos afazeres domésticos e muitas delas eram violentadas sexualmente. Em alguns momentos houve resistências por parte dos Manchineri - eles fugiam para áreas isoladas ou se juntavam a outros povos indígenas. Fugiam porque eram maltratados. Suas fugas visavam a proteção de sua cultura e acima de tudo de sua estrutura social. Tais fugas para os Manchineri, na época do “cativeiro”, representaram recomeçar um novo começo. (Cárdia, 2007: 115).

Finalmente, escravizados, os Manchineri passaram a trabalhar nos seringais como índios seringueiros e agregados, através do “sistema de aviamento”. Os Manchineri tiveram como principal “patrão” o seringalista “Canísio Brasil”, dono do seringal Petrópolis. Depois de agregados a todo esse “novo” mundo, aprenderam a língua dos dominadores e ali adotaram um novo modo de vida, totalmente não indígena, ou seja, um modo de vida dos seringueiros; e até suas casas, no período pós-demarcação da Terra Indígena Mamoadate, são no estilo seringueiro. (Cárdia, 2007: 114).

Tempo dos direitos

Os índios Manchineri, na década de 1970, trabalhavam na base da diária para os irmãos Brasil. Os índios trabalhavam como peões, derrubando as matas para fazer novos campos. Alguns deles trabalhavam também como caçadores e todo tipo de serviços braçais, mas o maior contingente indígena era usado para a manutenção e abertura de novas pastagens (Aquino & Iglesias, 2008).

Com o movimento de criação de cooperativas na década de 1970 e 1980, estas deram fôlego para os índios saírem das mãos dos patrões de seringais. Esse movimento, segundo o sertanista Meireles, ajudou os índios a se mobilizar pela conquista de suas terras: “os índios começaram a sair dos fundos dos seringais. Vieram a Rio Branco e começaram a ir até Brasília para reivindicar os direitos às suas terras demarcadas” (Aquino & Iglesias, 2008). O sertanista Meireles relata momentos da criação da T.I. Mamoadate:



Manchineri
Seringal Guanabara

Os índios escolheram o local, um dia rio acima do Seringal Petrópolis, denominado Extrema, para implantação do Posto Indígena (PI), de suas moradias e roças. A escolha deste local se deveu principalmente por se tratar de antiga maloca de Manchineri (...). Iniciamos o trabalho com poucas famílias, pois muitos não acreditavam ainda na atuação da Funai (...). Foi construído o PI, barracão, depósito, escola, campo de pouso com 700m e desmatamento da cabeceira da pista. Paralelamente a isso, todos que lá foram trabalhar fizeram suas roças e casas. (...) A população foi aumentando espontaneamente e vem aumentando até hoje. (...) Era um "parente" que chegava hoje, trabalhava livre de pressões, fazia sua roça e casa no lugar que mais lhe agradasse, via caça e peixe com fartura, via sua roça crescer sem ser estragada por bois e voltava para buscar o resto dos "parentes" mais chegados (Aquino & Iglesias, 19 de maio de 2008).

Com os primeiros relatórios da Funai/Acre, foi confirmado que os Manchineri e Jaminawa viviam como seringueiros nos seringais Guanabara, Petrópolis e em vários lugares dos rios Acre e Iaco, e tanto no lado brasileiro como no peruano (Cárdia, 2009: 115). A atuação de Meireles foi importante naquele momento para os Manchineri e Jaminawa, pois dali para adiante eles saíam totalmente da dependência dos barracões e recomeçariam suas vidas na nova Terra Indígena Mamoadate, hoje uma das maiores áreas indígenas demarcadas no Estado do Acre (FUNAI, 1977). Essas iniciativas são lembradas pelos Manchineri da seguinte forma:

Em 26 de outubro de 1978 fizemos um projeto pela FUNAI, na área indígena Mamoadate, aldeia Extrema. Foi um projeto de produção de café, mas não conseguimos mercado para vender o café. Conseguimos quase 1.500 quilos de café para vender e fomos vendendo em Sena Madureira, mas as vendas não foram suficientes. Fizemos outro projeto aprovado pela Oxfam, que é uma organização inglesa; esse projeto era sobre a criação de gado e a Funai também financiou na época cinco cabeças de boi. Esse financiamento foi em 1982 e até hoje os Manchineri criam boi, esse projeto deu certo para os Manchineri. (José Severino da Silva, entrevista realizada por Alessandra Manchineri em 20/05/2010).



Cabeceira do
Rio Acre

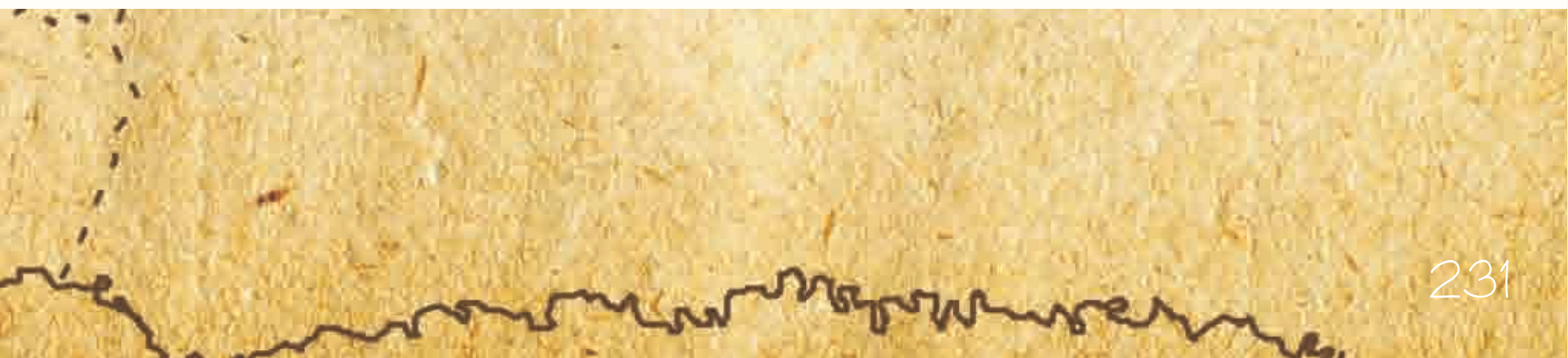


Das antigas ocupações territoriais, os Manchineri vivem atualmente na fronteira trinacional entre o Acre (Brasil), Pando (Bolívia) e Madre de Dios (Peru). No lado brasileiro, vivem nas margens do Rio Iaco, na Terra Indígena Mamoadate, que é partilhada com os Jaminawa, com uma extensão de 313.646 hectares, localizada nos municípios de Sena Madureira e Assis Brasil, com população atual de aproximadamente 900 índios, distribuídos em 07 aldeias. Além dessa terra, habitam a Terra Indígena Manchineri, no Seringal Guanabara, que se encontra em processo de identificação e também moram na cidade de Assis Brasil. No lado peruano e boliviano também vivem índios Manchineri, como podemos observar no quadro abaixo:

Terras Indígenas do Povo Manchineri na Zona da Tríplice Fronteira

Terra Indígena Povo	Pop.	Extensão (ha)	Município Departamento	País UF
Mamoadate (Jaminawa e Manchineri)	576	313.647	Sena Madureira Assis Brasil	Brasil AC
Seringal Guanabara (Manchineri)	92		Assis Brasil	Brasil AC
Comunidade Nativa Bélgica (Yiné - Piro - Manchineri)	90	53.300	Iñapari	Peru Tahuamanu
Terra Comunitária de Origem Yaminahua (Jaminawa e Manchineri)	102	41.920	Bolpebra	Bolívia Pando

Fonte: Cárdia, 2009: 121



Migração

Manchineri
Seringal Guarani

As conversas que tivemos com os índios mais idosos nos ajudaram a compreender o imbricado que é a questão migratória para esse povo. Entrevistamos Jaime S. P. Manchineri, o qual nos contou um pouco da sua trajetória, como podemos perceber na fala abaixo:

Eu nasci em Pampa Hermosa, Peru, e moro atualmente na Terra Indígena Mamoadate, aldeia Jatobá, desde 1985. Neste mesmo ano meu pai veio visitar uns parentes da mulher dele, que ela tinha aqui no Mamoadate e que eram Manchineri do Brasil. Desde esse ano fiquei aqui, porque as condições sociais aqui das comunidades eram bem melhores que as dos Piro do Peru. Hoje uns Manchineri criaram uma Terra Indígena no Peru chamada Bufeo Pozo e vivem lá. (Jaime Sebastião Prishico Manchineri, entrevistado por Alessandra Manchineri, em Rio Branco em 2009).

Os Piro são localizados ocupando uma vasta área no Ucayali e uma área conhecida como aldeia Diamantina. Steward & Metraux (1948) localizam os Piro também em Tambo e Urubamba. Os antigos Manchineri afirmam que os diferentes grupos "pimrine" fariam parte, com suas especificidades, de uma grande etnia chamada Yine. Alguns Manchineri da Terra Indígena Mamoadate e outros que vivem na cidade de Assis Brasil confirmam essa versão e explicam que o nome era Manxinerune, e, como os "brancos" não conseguiam pronunciar corretamente, se transformou em Manchineri.

Na cidade de Assis Brasil há também presença de índios Manchineri brasileiros, peruanos e bolivianos que, além de fazerem suas compras nesta cidade e receberem tratamento de saúde, também residem aí. A representação da cidade pode ser apreendida a partir desta fala:

Hoje nós plantamos, pescamos, colhemos, temos nossas casas, não passamos frio nem fome. Na cidade tem muito menino no meio da rua sem mãe e passando fome; na aldeia, não. Enquanto tivermos nossa terra, vamos ter tudo isso que temos aqui: banana, macaxeira, carne de caça e peixe. Só vamos para a cidade para comprar. Antigamente não era assim. Os mais novos estão indo para a cidade para estudar porque aqui só tem a 5ª série, e precisamos ver os Manchineri trabalhando com os próprios Manchineri e conhecendo a lei do "branco" para nós nunca perdemos nossas terras (Jaime Sebastião Lhulu Prishico Manchineri, entrevistado por Alessandra Manchineri em 23 de Abril de 2010).

Os Manchineri de San Pedro de Bolpebra, de Inãpari e do Mamoadate fazem parte do cotidiano de Assis Brasil e são vistos frequentemente fazendo compras, trabalhando, em bares e na praça principal da cidade. Outros Manchineri, por sua vez, são também assistentes de governantes políticos e alguns são agentes de saúde, outros, professores efetivos do quadro do Estado do Acre e dão aula nas aldeias, mas moram em Assis Brasil (Chola Manchineri, entrevista realizada por Alessandra Manchineri em setembro de 2009).

Cabeceira do
Rio Acre

ti
nabara



O espaço urbano destas três fronteiras vai sendo incorporado no cotidiano dos Manchinri, Piru e Yine. Habitualmente vimos Yine indo ao Distrito de Inãpari para fazerem compras alimentícias e de vestimentas. Os Manchineri fazem esse tipo de movimentação porque é necessário, porque precisam de assistência médica, pois após a era dos “barracões” eles adquiriram doenças desconhecidas por eles. Os Manchineri de San Pedro de Bolpebra estão localizados em San Miguel, próximo à capital provincial de Tahuamanu. Estes, por sua vez, vivem especialmente da exploração da madeira e de outros meios de subsistência Já na Bélgica é sem dúvida um exemplo perfeito do que representou a economia caucheira, a partir do qual muitos grupos foram “desindianizados”. Foi sem dúvida necessário esperar para que muitos grupos indígenas destas regiões reafirmassem sua identidade (Cárdia, 2009: 158). Essa reafirmação de identidades deu-se principalmente através das reivindicações de seus territórios e do reconhecimento de suas culturas, pois estas são milenares, assim como sua cosmologia; e também a partir da recriação da memória dos mais idosos, pois somente isso lhes permite ocupar um lugar no mundo e começar aquilo que lhes foi negado.

Considerações

*Manchineri
Seringal Guarani*

Há laços comerciais desde a época da colonização amazônica entre os Manchineri e outros indígenas dessas regiões fronteiriças. Mesmo porque, esses grupos indígenas habitavam a região do “Grande Aquiri” e do Vale do Purus e mantinham contatos permanentes, de caráter comercial ao menos, com sociedades andinas. Uma afirmação que é corroborada por autores como Chandless e Euclides da Cunha. Mas que, além disso, parece ser indicativa de relações muito mais profundas e permanentes do que até aqui se supunha e, como vimos, tais laços são hoje confirmados.

A formação dessa fronteira causou sérios problemas para os Manchineri, Piro/Yine e Jaminawa, além de outros povos que possivelmente pagaram com seu desaparecimento por causa da expansão e exploração gomífera. Neste caso convém lembrar dos Inãpari, em via de desaparecimento, que se acredita que possivelmente compõem parte dos povos voluntariamente isolados, ainda não identificados e que por sua vez são da tradição Aruak, a mesmas que os Maneteneri, que são os atuais Manchineri (Manxinerune). Notemos que mesmo antes da exploração da Amazônia, que trouxe sérios problemas a esses povos, os mesmos já mantinham as mais diversas relações sociais e até mesmos comerciais, que permanecem até os dias atuais.

Vemos que a fronteira é delimitada e imposta por poderes nacionais e políticos. E agora entram na rotina destes povos que ali vivem. No caso dos Manchineri, alguns acham o Brasil melhor em relação à questão indígena, e também o governo federal, pois na Bolívia e no Peru, países vizinhos, hoje “índio não tem vez”. Os Manchineri que vivem nesta fronteira vivem ora cá, ora lá e são bilíngues, pois essa movimentação exige deles mais de umalíngua, além de seu idioma materno. Os mesmos fazem parte de uma mesma fração de povos formada pela tríplice fronteira, que é disputada pelo sistema do atual capitalismo. Se antes foi um domínio colonial, hoje é um domínio ideológico dos Estados Nacionais.

Alessandra Severino da Silva Manchinery
Bolsista PIBIC-UFAC amanchinery@gmail.com

Maria de Jesus Morais
Professora Orientadora CFCH-UFAC mjmorais@globo.com

*Cabeceira do
Rio Acre*

abara

Referências bibliográficas

AQUINO, Txai Terri Valle de & IGLESIAS, Marcelo Piedrafitá. (19 de maio de 2008). **Entrevista com o sertanista Meirelles (parte III)**. Rio Branco, Jornal Página 20.

ARRUDA, Rinaldo. (2002). **Territórios Indígenas no Brasil: aspectos jurídicos e socioculturais**. In: LIMA, A. C. S.; HOFFMANN, M. B. (Orgs.).

BRASIL, República Federativa do. (2009). **O Tratado de Limites Brasil-Peru**. Brasília: Senado Federal.

CARDIA, Laís. (2009). **História e Memórias das três Fronteiras: Brasil, Peru e Bolívia**. São Paulo, EDUC.

FUNAI. (1977). **Jaminawa e Manchinéri do Alto Rio Iaco**. Brasília, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo.

HAESBAERT, Rogério & MACHADO, Lia Osório. (2005). **O Desenvolvimento da Faixa de Fronteira: uma proposta conceitual-metodológica**. In: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Territórios sem Limites**. Campo Grande: UFMTS.

PICCOLI, J. C. (2006). **A "Estrada do Pacífico" contra os Manchinéri e Jaminawa: impactos e mitigações**. IN: DEL RIO, J. M. V. & CARDIA, Laís M. **Territorialização, Meio Ambiente e Desenvolvimento no Brasil e na Espanha**. Rio Branco, EDUFAC.

RAFFESTIN, Claude. (1993). **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática.

SAYAD, A. (1998). **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP.

TRUZZI, Oswaldo. (2008). **Redes em Processos Migratórios**. Revista de Sociologia da USP - Tempo Social. São Paulo. V. 20, n 1.